

**APONTAMENTOS PARA O ESTUDO
DA VILA MILITAR "ESTRELA DO NORTE",
NO MUNICÍPIO DE PIQUETE**

Paulo Pereira dos Reis

Nota. Como "introdução" aos "Apontamentos" que a seguir se transcrevem, julgamos oportuno dar a conhecer aos leitores trechos de carta que nos dirigiu o autor: "Como lhe prometi, remeto, em anexo, o meu artigo intitulado 'Apontamentos... etc'. Muito mais poderia ter dito se tivesse ao meu alcance outros dados e informações e evitar desnecessários melindres dos piquetenses que sempre olharam a 'Estrela do Norte' (hoje praticamente extinta) com prevenção e antagonismo. Limitei-me aos fatos e informes que estão ainda nítidos em minha longínqua vida de menino que nasceu e viveu durante a infância em Estrela do Norte. Pessoas mais velhas, de gerações anteriores, poderão, com suas observações e experiências, retificar, detalhar e aprofundar mais as informações que reuni. (...) Cabe-me esclarecer-lhe que em Estrela do Norte moravam os oficiais do Exército e os civis com cargos ou funções importantes na 'Fábrica de Pólvora Sem Fumaça'. Entre eles estava meu pai que se formou farmacêutico pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro e veio exercer o cargo de 'chimico' no citado estabelecimento fabril do Exército. O conforto e as prerrogativas dos moradores de Estrela do Norte revoltavam os trabalhadores da fábrica que residiam nas vilas de Piquete e São José. As populações dessas duas povoações eram constituídas em sua maior parte por operários que viviam nas camadas mais humildes de uma sociedade acentuadamente estratificada pela divisão do trabalho. Os operários tinham consciência da situação de inferioridade em que estavam colocados em relação à camada superior, geralmente culta, que gozava as regalias dos poderes administrativo e militar da época, que eram fontes de privilégios, costumes e padrões de comportamento distintos do homem comum. Daí as mágoas e os ressentimentos que hoje devem ter esmaecido ou mesmo desaparecido depois de decurso de mais de meio século, com a tendência atual ao nivelamento por baixo, da antiga Estrela do Norte, hoje apenas um bairro de Piquete, onde o governo municipal exerce a sua jurisdição de direito e de fato. Vou parar por aqui... a) Paulo Pereira dos Reis". (O. N. M.)

Ao tempo em que Rodrigues Alves ocupava a presidência da República, tendo como Ministro da Guerra o Marechal Francisco de Paula Argolo, foi determinada a aquisição pelo governo federal de três fazendas no município de Piquete: "Estrela do Norte", "Limeira" e "Sertão", sendo as respectivas escrituras lavradas em julho de 1905.

Conforme se projetara, os imóveis adquiridos, que se encontravam “encravados entre montanhas e matas”, seriam destinados à construção de uma grande fábrica de explosivos para as Forças Armadas, livrando o país de enormes gastos com importação de pólvora e da dependência estrangeira.

Em 17 de novembro de 1905 foi constituída a Comissão Construtora sob a chefia do Tenente-Coronel Augusto Maria Sisson. A 15 de março de 1909 foi inaugurado o maior complexo da indústria química do Brasil sob a direção técnica de uma comissão norte-americana. Todavia, a partir de 15 de março de 1910, um ano após sua fundação, a Fábrica de Pólvora de Piquete passava a funcionar sob orientação de técnicos brasileiros.

A parte urbana foi ereta em terras que pertenceram à fazenda “Estrela do Norte” e a parte industrial foi edificada nas áreas das fazendas “Limeira” e “Sertão”.

Essa zona militar (designada na época como “praça de guerra”) constituiu-se, de fato, uma espécie de “distrito federal” encravado no município de Piquete. O complexo fabril e a vila de Estrela do Norte estavam sob a jurisdição militar, policial e administrativa do Exército.

As vilas de Piquete e de São José eram quase inteiramente dependentes dos favores e concessões do Diretor da Fábrica. Todavia, Piquete possuía uma estação ferroviária, serviço de correios, igreja matriz, cemitério, cartório de registro de pessoas naturais, escola pública e um hotel. Este, na época, era o centro social de Piquete. Inicialmente chamou-se Hotel das Palmeiras, e pertencia ao Coronel José Mariano da Silva.

Além do portão de acesso à estação ferroviária de “Estrela do Norte” estendia-se um amplo território que subia os vales dos rios Piquete, Limeira e Sertão, até as cumeadas da Serra da Mantiqueira. Era um território guardado e defendido por tropas do Exército: o Contingente da Fábrica de Pólvora, comandado por um capitão de infantaria. Nessa área ninguém entrava (nem a Polícia) sem a competente autorização do Exército.

Dentro dessas terras localizavam-se, pelo menos, quatro estações ferroviárias: a de “Estrela do Norte”, de “Serrinha” (ambas na zona residencial de Estrela), de “Limeira” (junto aos portões de acesso à fábrica) e outra, dentro do citado estabelecimento industrial. Estrela do Norte talvez tenha sido o primeiro exemplo de planejamento urbano do Vale do Paraíba.

No começo do século XX essa vila militar já dispunha de energia elétrica (gerada em usina própria), abastecimento de água domiciliar, rede de esgotos, serviços de rádio, correio e telégrafo, telefone, serviços de transportes sobre trilhos (trens, bondes, troles) com duas estações ferroviárias (a principal, à Praça Coronel Pederneiras, e uma outra, denominada

“Serrinha”, em frente às casas 44 e 45, numeração antiga), e todos os demais serviços urbanos então conhecidos no Brasil. Possuía um grande armazem, tipo bazar, ampla e sortida horta para abastecimento domiciliar, enfermaria com enfermeiros e médicos, farmácia com farmacêuticos diplomados, veterinários, técnicos e artesãos para todas as necessidades. Pelo exposto verifica-se que a mencionada comunidade estratificada dispunha de uma completa infra-estrutura urbana, eficientes serviços de assistência à saúde, de comunicações e de transportes, constituindo algo muito difícil de ser encontrado no Brasil, no primeiro quartel deste século.

A maior parte dos oficiais da Fábrica de Piquete pertencia às armas de Artilharia e Engenharia, embora o comandante do Contingente fosse da Infantaria. Devem ser arrolados também os oficiais de Serviços Auxiliares: médicos, farmacêuticos, químicos, dentistas e intendentess. Essa oficialidade era constituída, em sua maior parte, de cariocas, gaúchos e nortistas, embora houvesse um comandante paulista, o capitão Manuel de Freitas Novais, que servira antes no 5º R. I., de Lorena, e deixaria Piquete, parece-me, por volta de 1930, para morrer em 1932, no posto de capitão de uma companhia, lutando a favor da Revolução Constitucionalista no teatro de operações do Vale do Paraíba.

A vila denominada Estrela do Norte, por ter sido assentada em local onde existia uma fazenda do mesmo nome, talvez tenha sido o primeiro centro urbano planejado e implantado no Estado de São Paulo e um dos primeiros do Brasil. Possuía edificações sólidas e bonitas, todas dotadas dos melhoramentos que então se conheciam; contava com praças agradáveis que ostentavam tapetes de grama e plantas ornamentais bem cuidadas; ruas bem traçadas, arborizadas, com passeios cimentados ou ladrilhados e os leitos carroçáveis revestidos de camadas superpostas de pedras britadas e rochas pulverizadas.

Também comprovam, há mais de setenta anos, o seu alto grau de urbanização a iluminação pública, as agências de correio e telégrafo, a farmácia, a assistência médica e dentária para todos os moradores, o serviço de segurança, o cinema (com filmes vindos diretamente do Rio), os campos de voleibol e basquete junto à Praça Coronel Sisson e um clube de futebol que se tornou famoso, o Esporte Clube Estrela.

A vida social dos estrelenses era intensa. O centro de toda atividade associativa era o Cassino, local também onde se realizavam conferências, festas e bailes. Todo o interesse da povoação estava voltado para a então capital da República. Era um núcleo de cultura carioca. Os adultos liam o “Correio da Manhã” e o “Jornal do Brasil” e as revistas “Fon-Fon”, “O Malho”, “Eu Sei Tudo”, “A Careta”, e as crianças a revista infantil “O Tico-Tico”, todas publicações editadas no Rio de Janeiro; predominavam as maneiras de falar, de trajar, os hábitos e costumes cariocas, como

também todos os interesses estavam voltados para o Rio, sendo os moradores da Estrela, por essas razões, culturalmente dessemelhantes daqueles que se situavam fora do “enclave” estrelense.

Sem pretender abordar aspectos culturais mais abstratos representados pelas maneiras de pensar, agir e sentir e certos hábitos domésticos e familiares, pode-se, exemplificativamente, apontar duas diferenças culturais facilmente perceptíveis, quando havia, no Grupo Escolar de Piquete, o encontro dos alunos oriundos da Estrela com os demais colegas de Piquete e Vila de São José. Os primeiros empregavam, na linguagem, o tratamento da segunda pessoa do singular, enquanto os demais expressavam-se na terceira pessoa; os estrelenses, com seu sotaque sibilante e acariocado; os outros, com o falar típico dessa região paulista, onde era comum o fenômeno do rotacismo.

Também a indumentária assinalava, mesmo à distância, as diferenças existentes nos costumes daquela época. Os alunos da Estrela do Norte vestiam roupas geralmente adquiridas no Rio de Janeiro, usando os meninos, nos anos 30, calças curtas até aos 14 ou 15 anos de idade, enquanto os seus colegas das vilas de Piquete e São José, garotos de 9 a 10 anos, identificados com os costumes locais, já usavam calças compridas.

Essa comunidade, hoje extinta, com seus aspectos “sui generis”, está a merecer um estudo sociológico antes que se percam os testemunhos que com o passar do tempo tornar-se-ão cada vez mais raros.